

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA

Núcleo de Educação a Distância

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Instituto de Ciências Exatas e Geociências

Especialização em Formação de Professores em Educação a Distância

PRODUÇÃO TEXTUAL: alternativa na EAD

CLÁUDIA DE OLIVEIRA

Trabalho de final apresentada ao Curso de Especialização para Professores em Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Especialista como Professor em Educação a Distância.

Passo Fundo – RS, junho de 2002.

CLÁUDIA DE OLIVEIRA

PRODUÇÃO TEXTUAL: alternativa na EAD

Este Trabalho de final de curso foi orientado e aprovado para a obtenção do título de **Professor Especialista em Educação a Distância no Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal do Paraná.**

Prof. Roberto De Fino Bentes, MSc.

Orientador

Passo Fundo – RS, junho de 2002.

“O importante é ESCREVER. Quem escreve é levado a isolar-se da digitação, a pensar, a refletir.

Aí está o mérito da redação. Quem escreve concentra-se, analisa, raciocina, critica, apresenta soluções próprias.

Quem escreve, dá valor a si mesmo, aprende a ver em profundidade, descobre o mérito relativo das coisas e põe às claras os enganos e os sofismas dos que nos pretendem ludibriar.

Escrever é o mais adequado meio para a formação da nossa personalidade, como seres livres, independentes, realizados intimamente.

Escrever é lutar contra os que nos impingem idéias prontas, frases feitas para substituir nossos pensamentos e nossa linguagem. ”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
I – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD.....	7
II - A PRÁTICA DA PRODUÇÃO TEXTUAL	13
III – A REDAÇÃO.....	14
IV – CURSO DE EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	17
4.1 – Plano de Curso	17
4.2 – Material Didático.....	23
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

INTRODUÇÃO

Tendo em vista abordar um assunto tão questionado mas, ao mesmo tempo, tão importante como meio educacional alternativo, a educação a distância, deve-se considerar alguns aspectos que serão apresentados e que ainda devem ser estudados e pesquisados de forma muito séria.

O primeiro deles é o mito existente de que a educação a distância ameaça fortemente a educação presencial. Isso não é verdade, uma vez que ela somente está inserida num contexto que representa uma alternativa pedagógica, um novo modelo de educação. Essa nova modalidade aparece um novo paradigma educacional a fim de romper com velhas pedagogias e formas ultrapassadas de ensino. Ainda, é importante salientar que a EAD é um sistema de comunicação bidirecional, onde a base de todo o processo de aprendizagem é a comunicação.

Ainda, deve-se considerar que, no início de um novo milênio, está havendo um enorme crescimento da procura da educação a distância, considerando-se a globalização da economia e a as inovações tecnológicas que oferecem cada vez mais opções para oportunizar essa forma de educação e, ao mesmo tempo, exigem mais formação, aprimoramento profissional.

No entanto, em tempos que a informática e a tecnologia dominam o mercado de trabalho, ao lermos alguns textos (frases, bilhetes, etc.), seja ele o mais simples que for, especialmente de adolescentes, hoje os maiores usuários da informática e tecnologias eletrônicas, o que vemos são absurdos que deixam qualquer professor de português completamente de cabelos em pé. E não somente professores de português, uma vez que esses adolescentes, qualquer dia desses, deverão representar empresas, ou mesmo professores de suas respectivas áreas, e terão que escrever, seja um texto, uma frase, um enunciado, enfim, a escrita é uma necessidade que faz e fará sempre parte do nosso dia-a-dia, apesar de todas as tecnologias.

Contudo, pode até parecer estranho pensarmos em combinar Educação a Distância com Produção Textual. Com certeza é um desafio, já que para tal assunto nos parece imprescindível que aluno e professor estejam frente-a-frente, com o professor falando e o

aluno escutando. Dessa forma, podemos nos questionar sobre a forma de realizar este tipo de educação e, especialmente, como interagir e avaliar os trabalhos como um todo, sem esquecer a formação crítica do aluno. Além disso, como fazer para realizar esse trabalho e atingir os objetivos propostos?

Porém, apesar de todas estas questões e muitas outras que ainda poderão aparecer ao longo das pesquisas a serem realizadas, não há como negar que a EAD é uma realidade que deve ser considerada e respeitada. Ela surge como mais uma forma de democratizar e elevar o padrão de qualidade da educação. No entanto é importante lembrar que o sucesso ou falência da educação a distância está nas mãos de profissionais competentes e eficientes. Além disso, uma vez que é um meio alternativo de educação, devemos lembrar que as coisas acontecem de um modo diferente e é importante criar condições para que o aluno perceba que, com materiais adequados e com boas orientações ele pode, e deve, construir a própria aprendizagem de forma autônoma e independente, ou seja, que o aluno é responsável pelo seu aprendizado.

Assim, é neste momento que uma boa escrita, de forma clara, objetiva e correta aparece como uma das principais “invenções” da humanidade, desenvolvendo o lado crítico e criativo individual e coletivo do aluno que poderá desenvolver e construir seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, esta monografia tem o objetivo de pesquisar e analisar as possibilidades e dificuldades que poderão aparecer ao tentar unir a escrita com a tecnologia e a Educação a Distância, além de tentar construir uma proposta de um curso de Produção Textual a Distância.

I – EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD

Em todas as etapas da história da humanidade, os avanços tecnológicos foram responsáveis por alterações em processos nos mais diversos campos da atividade humana e sempre trazendo consigo mudanças nas atitudes sócio-culturais dos povos. Entretanto, o desenvolvimento super acelerado da eletrônica, da tecnologia digital e dos microcomputadores neste século, propiciaram avanços em praticamente todas as áreas do conhecimento, processos de produção, saúde, transportes, educação, formas de entretenimento, métodos de comunicação e troca de informações, entre outros. Estes desenvolvimentos criaram a oportunidade para o aparecimento de toda uma gama de equipamentos capazes de tornar as mais diversas atividades mais simples, seguras e até possíveis. Além disso, trouxeram em sua forma mais intrínseca, um novo paradigma no que concerne ao processamento da informação e na capacidade de comunicação. O rápido desenvolvimento das redes de computadores associados aos avanços das telecomunicações, possibilitaram a troca de informações em todos os níveis, sejam elas imagens, voz, gráficos ou textos.

O fato é que o ser humano se tornou mais próximo de seu semelhante e passou a ter a oportunidade de conhecê-lo melhor. A possibilidade de se obter qualquer tipo de informação em qualquer parte do planeta intensifica a relação entre os homens, possibilita seu desenvolvimento e, de certa forma, diminui suas diferenças. Quando a obtenção de informação associa ao processo de aprendizagem, esta afirmação se torna mais verdadeira e quando passa a ser possível tornar relações não presenciais tão semelhantes às presenciais, esta tecnologia emergente começa a colaborar para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária a despeito do tempo e do espaço e de muitos outros fatores limitantes.

Parece possível observar que as relações de transmissão de conhecimento entre os homens e as sociedades foram afetadas de uma forma positiva, já que o conhecimento, a educação, o aprendizado e a obtenção de informação têm se tornado mais disponíveis.

A educação a distância, desde seu surgimento como uma simples alternativa, trouxe muitos questionamentos. Como realizar este tipo de educação? Como proporcionar ao aluno uma boa formação sem esquecer o lado crítico? Como substituir o contato professor X aluno? Como formar e qualificar os professores ideais para esta modalidade de educação? Qual a avaliação ideal para ela?

O rápido desenvolvimento da informática acompanhada por outras tecnologias, não podemos esquecer que o mundo não vive somente delas. Acompanhando esse crescimento, é importante lembrar da ciência, da música, da arte e, de forma especial, da escrita que aparece em todas as áreas de estudo, inclusive na EAD.

Assim, é importante lembrar que o ensino a distância necessita “casar” o ensino convencional e técnicas modernas para que o estudo, uma vez bem orientado e com métodos eficientes, funcione satisfatoriamente. Além disso, o professor e o tutor devem manter contato permanente com o aluno durante o processo de ensino-aprendizagem, a fim de suprir as necessidades de conteúdo e, até mesmo, afetivas, já que o aluno pode sentir-se sozinho, perdido, e isso que pode transformar-se em desmotivação.

Dentro deste contexto, não podemos esquecer do material didático que é de vital importância para o sucesso de um curso a distância. Considerando-se que o professor e o tutor não estão de corpo presente ao lado do aluno o material deve substituí-los, como se fosse um professor trabalhando com as atividades em sala de aula, informando, explicando, motivando e avaliando o aluno. Ainda, ele deve atender aos objetivos do curso, ser coerente com a linha pedagógica à qual está inserido, ter conteúdo claro e bem definido, possuir uma estrutura que facilite o entendimento do tema e ter seu vocabulário de acordo com o nível do público com o qual se pretende interagir; usar recursos de áudio, vídeo e/ou imagens, sempre que possível, para tornar o visual mais atraente e agradável além de conter testes de auto-avaliação, possibilitando ao aluno verificar seu nível de aprendizado, também, sugerir fontes bibliográficas complementares.

Assim, quando falamos de elaboração de materiais a serem utilizados na EAD, faz-se necessário repensar a proposta pedagógica utilizada, uma vez que a mesma precisa estar bastante clara a fim de que o processo ensino-aprendizagem seja concreto e real.

Sabe-se que o homem e a máquina convivem juntos há séculos. Nem sempre esta convivência foi pacífica, mas na maioria das vezes, o resultado final desta relação foi sempre um crescimento mútuo e, percebe-se que com o passar do tempo, a máquina vêm evoluindo muito mais que o homem, especialmente em termos de agilidade, rapidez e adaptação às novas tecnologias. É difícil, para o ser humano mudar, pois, o que é *novo* sempre é visto como difícil, às vezes impossível e, mesmo aceita a mudança, a evolução e a adaptação, quando ocorrem, vêm com resistência e é muito lenta.

Portanto, fica claro que introdução de uma nova alternativa pedagógica ou mesmo de uma nova modalidade de educação na sociedade provoca, naturalmente, uma dessas três posições: ceticismo, indiferença ou otimismo.

A posição dos indiferentes é demonstrada através do desinteresse ou da apatia; eles esperam para ver e, assim, aguardam a tendência que o curso da tecnologia e das novas alternativas pedagógicas podem tomar para, somente então, definirem-se.

Já os argumentos dos céticos assumem diversas formas. O mais comum é a pobreza do nosso sistema educacional que, em muitos locais, a escola não tem carteiras, não tem giz, não tem merenda e o professor ganha uma miséria. Nessa precariedade, como falar em educação a distância?

Ainda, outro argumento utilizado contra a EAD é a desumanização provocada por esta nova modalidade de educação e como ela pode interferir nos envolvidos, uma vez que a educação se processa, na maioria do tempo, não mais presencialmente e o contato humano não é prioridade.

Também, os céticos dizem e argumentam que há uma enorme dificuldade de adaptação da administração escolar, dos professores e dos pais a uma abordagem educacional que eles mesmos não vivenciaram. E esse é, certamente, o maior desafio para a introdução desta nova alternativa pedagógica - a educação a distância - de forma mais concreta e sistemática. Isso, é claro, provoca uma grande mudança de postura dos membros envolvidos no sistema educacional e na formação dos administradores e professores. Essas mudanças são causadoras de fobias, incertezas e, portanto, da rejeição do desconhecido. Vencer essas barreiras

certamente não será fácil, porém, se isso acontecer, teremos benefícios tanto de ordem pessoal quanto de qualidade do trabalho educacional. Caso contrário, a escola continuará com práticas do século XVIII.

A utilização das novas tecnologias de informação e comunicação na educação não garantirá, por si só, a aprendizagem dos alunos, pois as mesmas são instrumentos de ensino que podem e devem estar a serviço do processo de construção e apropriação do conhecimento dos alunos. A introdução desses recursos na educação necessita estar acompanhada de uma sólida formação dos professores para que eles possam utilizá-las, de uma forma responsável e com potencialidades pedagógicas concretas.

No entanto, a educação a distância, embora apareça como uma grande descoberta em campos específicos, não deve, de modo algum, ser saudada como uma *panacéia*, com o poder de resolver os problemas da educação presencial básica e de suprir a insuficiência de recursos instrucionais ou, até mesmo, de docentes.

Assim, de acordo com Brandão apud Rösing (1999), o educador necessita comprometer-se, buscar aprimoramento, conhecimento técnico, sem esquecer que o mais importante a ser proporcionado ao educando é a *formação crítica* do ser humano, para que este possa exercer dignamente sua cidadania.

Contudo, a possibilidade de utilizar esta nova modalidade de educação - a educação a distância - para produzirmos uma educação total de qualidade não é um sonho, é uma realidade, mas que só se tornará possível com muito trabalho, pesquisa e inovações na didática e/ou procedimentos de ensino. Sabe-se que a educação a distância tem a seu favor a sua versatilidade de aplicação, sua capacidade de adaptar-se a, praticamente, todas as atividades, sua flexibilidade e, dessa forma, sem dúvida, o ensino tem um meio de ser mais aberto e oferecer mais qualidade, levando a população brasileira, assim, aos mais altos níveis não de conhecimento tecnológico, mas sim de cidadania e cultura.

Mas qual é a história desta modalidade de ensino que aparentemente vem solucionando os problemas de ensino encontrados por diversos países, quebrando as barreiras de espaço e tempo?

“A educação a distância nasceu sob o signo da democratização do saber. Trata-se de uma inovação educativa que tem por objetivo maior gerar condições de acesso à educação para todos aqueles que, por um motivo ou outro, não estejam sendo atendidos satisfatoriamente pelos meios tradicionais de ensino. É uma inovação educativa mas já tem muitos anos de experiência”. “A distância é o grande desafio, mas não é jamais a fronteira final da educação. Aquele que trabalha e não tem horários compatíveis com os rígidos horários escolares, aquele que tem dificuldades físicas de locomoção, aquele que quer criar seu próprio programa de estudo poderão receber na educação a distância a saída moderna e eficiente para suas demandas” TODOROV [13].

NUNES [14] esclarece que "sua origem recente, já longe das cartas de Platão e das epístolas de São Paulo, está nas experiências de educação por correspondência iniciadas no final do século XVIII e com largo desenvolvimento a partir de meados do século XIX". "Mas o verdadeiro salto dá-se a partir de meados dos anos 60 com a institucionalização de várias ações nos campos da educação secundária e superior, começando pela Europa (França e Inglaterra) e se expandindo aos demais continentes. Atualmente mais de oitenta países, nos cinco continentes, adotam a educação a distância em todos os níveis de ensino, em sistemas formais e não formais de ensino, atendendo a milhões de estudantes". ROBERTS [15] apresenta dados de um levantamento realizado no Canadá em 1994 onde "54% das universidades canadenses, 68% dos colégios comunitários e 36% das grandes e médias empresas reportaram o uso de educação a distância".

O ICDL [16], International Centre for Distance Learning da Open University da Grã-Bretanha conceitua uma "mega-universidade" como sendo uma instituição que recebe um número de matrículas anuais superior a 100.000. Em 1995, por ocasião do encontro dos diretores executivos destas instituições, o ICDL apontou as dez maiores "mega-universidades" do mundo, sendo elas (em ordem alfabética) a da África do Sul (University of South Africa - UNISA), a da China (China Central TV and Broadcasting University - CCRTVU), a da Coreia (Korea National Open University - KNOU), a da Espanha (Universidad Nacional de

Educación a Distancia - UNED), a da França (Centre National d'Enseignement à Distance - CNED), a da Grã-Bretanha (Open University - OU), a da Índia (Indira Ghandi National Open University - IGNOU), a da Indonésia (Universitas Terbuka - UT), a da Tailândia (Sukhothai Thammathirat Open University - STOU) e a da Turquia (Anadolu University). Afirma ainda que "o desenvolvimento de técnicas de educação aberta e a distância e sua aplicação em todo o mundo, tem sido o grande sucesso da educação e treinamento na segunda metade do século vinte". "As mega-universidades quebraram a hegemonia do eterno triângulo acesso, qualidade e recursos, que tradicionalmente limitaram a expansão da educação".

"No Brasil, desde a fundação do Instituto Rádio-Monitor, em 1939, e depois do Instituto Universal Brasileiro, em 1941, várias experiências foram iniciadas e levadas a termo com relativo sucesso", nos lembram GUARANYNS e CASTRO apud NUNES [14], e apesar da não existência de nenhuma política contínua no sentido de expandir a educação a distância, seja por parte do governo ou da iniciativa privada, várias instituições vêm desenvolvendo programas a vários anos. Sem a pretensão de enumerá-las citamos a Fundação Roberto Marinho, a Fundação Roquette Pinto, o Centro de Ensino Técnico de Brasília, entre várias outras. Não é nossa intenção fazer um levantamento histórico das iniciativas brasileiras em educação a distância, recomendamos a leitor interessado que verifique em NUNES [14] para um levantamento mais completo destas realizações.

Mais recentemente, e provavelmente devido à importância que passou a ser dada a esta matéria, têm-se verificado a adesão de universidades, instituições de ensino em geral, instituições governamentais, instituições de pesquisa, fundações, empresas de iniciativa privada e até mesmo de profissionais educadores. É notório o aumento significativo da oferta de cursos a distância, em diversas mídias, disponíveis em qualquer livraria ou banca de revistas.

ROBERTS[15] considera que "em termos práticos a educação a distância é projetada para atender a estudantes que, por razões geográficas ou temporais, estão impossibilitados de freqüentar cursos presenciais. Os princípios da igualdade de acesso e de oportunidade têm sido importantes valores que conduzem este campo".

II - A PRÁTICA DA PRODUÇÃO TEXTUAL

A abordar sobre a prática da produção textual abre a perspectiva de debater a questão em diferentes enfoques. A lingüística textual, desenvolvida na Europa a partir da década de 60, tem se dedicado a estudar a natureza do texto e os fatores envolvidos em sua produção e recepção. Essa teoria, na medida em que busca esclarecer o que é e como se produz um texto, merece ser reconhecida e considerada por quem se interessa por este tipo de trabalho com a expressão escrita na escola.

De um lado, os alunos queixam-se de que não sabem escrever e dissertar, narrar ou descrever. De outro, os professores, muitas vezes, não vêem prosperar seu exaustivo trabalho com a linguagem. Em comum, todos sentem a necessidade da redação. Vista, cada vez mais, como a melhor maneira de se avaliar a capacidade do aluno num exame ou, de modo mais amplo, como forma de expressão e de descoberta da realidade a nossa volta.

Neste momento, lembraremos a atitude do aluno diante da a solicitação e/ou convite para redigir sobre um determinado tema. Constatam-se diferentes condutas por parte desses alunos para o cumprimento do tarefa.

Há os que "revoltados" com a idéia de que o professor pretende, através de sua produção, ler a demonstração dos conhecimentos gramaticais adquiridos ao longo de um determinado período escolar ou conhecer o domínio que exerce sobre um determinado assunto, recusam-se a escrever, sob alegação de que não sabem, de que redigir nunca "foi seu forte" ou de que não estão inspirados.

Um segundo grupo, diante do tema a discorrer, preocupa-se em atender à solicitação, não quer desperdiçar escasso tempo de que dispõe e inicia sua produção. Uma vez. Duas vezes. Três vezes e o desenvolvimento não se desencadeia. Sua redação é um eterno recomeçar. Há que escolher a melhor introdução. E assim, o tema é capaz de até ficar inconcluso, pois concluir sobre o que não foi desenvolvido, é impossível.

E, por fim, há os que prontamente atendem à solicitação. Debruçam-se sobre o tema, organizam as idéias, selecionam as principais, delimitam a temática e, em breve, têm no papel, um texto com suas características inerentes: unidade – organicidade - logicidade.

Ainda que em número mais restrito, esses são os que têm sucesso na escola. E por quê? Porque são essas pessoas que conseguem fazer do texto o objeto de interlocução entre sua pessoa e o leitor (receptor) de sua mensagem. Aqui, todos são importantes: o autor - o texto - o leitor.

A atitude decorre da postura adotada pelo educador frente a questão da produção textual. E, por acreditar ser essa a postura que melhor responde aos objetivos da comunicação e expressão, é que se propõe o seu desenvolvimento na atividade de redação.

Nesse sentido, compreende-se que ninguém escreve sobre algo que não conhece. O texto e a manifestação pessoal da contextualização de idéias e argumentos organizados e coerentes; é o resultado de uma produção que se desenvolveu num processo, em que a comunicação e expressão tem, entre outras formas, a língua escrita para se manifestar, a partir do desenvolvimento das habilidades de ouvir-falar-ler-escrever.

Escrever é, portanto, a última etapa do processo que pretendem, acima de tudo, resgatar a interlocução entre autor, leitor de texto.

Mas, por que solicita-se, ao aluno, escrever?

Redigir, é hoje, uma necessidade das mais variadas áreas do conhecimento da atividade humana. E este deve demonstrar os conhecimentos relacionados à língua escrita. Além disso, é necessário evidenciar o domínio sobre assuntos diversos.

III – A REDAÇÃO

Fazer uma redação significa construir atos de comunicação. Em todo ato de comunicação existe um emissor, sujeito que possui intenções e que as coloca em forma de mensagem, construídas por um conjunto organizado de sinais chamado código, e endereçada a um receptor: o leitor. Fazer uma redação é tarefa de produção de mensagens, concretizadas

por um ou mais códigos disponíveis, que materializam diversas intenções, tendo em vista diversos leitores, tendo como principal código a *Língua*.

Sabe-se que redigir é hoje uma necessidade das mais variadas áreas da atividade humana. Pessoas envolvidas com a produção de trabalhos escolares, com pesquisas, a com a administração e a execução técnico burocráticas de serviços ligados à indústria e ao comércio etc., são freqüentemente solicitadas a produzir redação. Daí, o interesse sempre vivo em torno do tema. Também, vale considerar que, a redação obrigatória nos vestibulares é regulamentada por lei, desde 1977.

Ainda, é importante salientar que a atividade de escrever envolve um conjunto de operações intelectuais, as quais se resumem em:

- delimitar o assunto;
- formular o objetivo que deve orientar o ato de escrever;
- traduzir o objetivo em forma de frase-núcleo — introdução;
- desdobrar a frase-núcleo — introdução — frases-desenvolvimento, organizadas por alguma forma de ordenação;
- reorganizar as frases-desenvolvimento, em forma de frase de conclusão.

Essas operações produzirão como resultado, um conjunto unitário e estruturado de frase, o qual recebe o nome de REDAÇÃO.

A redação pode constituir-se de um só parágrafo ou de vários parágrafos. É importante desenvolver, nesse processo a consciência e a prática das operações intelectuais envolvidas no ato de escrever com o fim de análise e produção de redações constituídas de vários parágrafos.

Na verdade, quer se constitua de um só ou de vários parágrafos, a redação envolve sempre as operações intelectuais acima enumeradas anteriormente. Podemos atingir nosso objetivo em um só parágrafo que constitua um conjunto unitário, estruturado em introdução, desenvolvimento e conclusão, ou podemos precisar de mais de um parágrafo para atingir o nosso objetivo, e então, estruturarmos um conjunto de parágrafos em introdução, desenvolvimento e conclusão.

Várias são as intenções de quem escreve e várias são as formas de escrita. Pode-se ter a intenção de considerar um *objeto* e enumerar, em destaque, as suas características: cor, peso, volume, comprimento, proximidade, formato, constituição, semelhanças, diferenças, etc. Esta intenção constitui um conteúdo particular que aparece numa forma específica de redação chamada DESCRIÇÃO. Pode-se ter a intenção de considerar, de modo predominante, um *fato* e escrever sobre as ações e pessoas que geram o fato e as circunstâncias em que este ocorre: causa, conseqüência, tempo, lugar, etc. Tal intenção produz um outro conteúdo particular expresso numa forma de redação chamada NARRAÇÃO. Pode-se Ter também a intenção de considerar, em relevo, uma *idéia* em torno de fenômenos ou processos eventos ou ações que gerem fatos e objetos. A idéia pode ser uma comparação entre fenômenos ou processos, eventos ou ações, mostrando as suas vantagens, desvantagens: ou pode ser o seu histórico, ressaltando-lhe origem, estado atual e futuro; ou pode ser uma crítica de seus efeitos, destacando suas influências positivas e negativas, com exemplos que comprovem as críticas feitas. Neste caso, o conteúdo é expresso numa forma de redação chamada DISSERTAÇÃO. Em resumo, a intenção de quem escreve torna específicos o conteúdo e sua forma de expressão.

IV – CURSO DE EXTENSÃO EM PRODUÇÃO TEXTUAL

Tendo em vista colocar em prática o que foi estudado até aqui, aprentar-se-á um pequeno planejamento de um Curso de Produção Textual na modalidade de Ensino a Distância.

10.1 – Plano de Curso

Apresentação

O material didático (item 4.2) faz parte de um planejamento de um Curso de Extensão em Produção Textual a ser oferecido através do Cead a ser implantado na universidade de Passo Fundo.

Neste primeiro momento, o conteúdo a ser estudado será a importância de uma boa escrita junto aos alunos e profissionais das diversas áreas do conhecimento.

Público Alvo

O público para qual se destina este material didático desenvolvido são, principalmente, funcionários da Universidade de Passo Fundo e alunos secundaristas que desejam preparar-se para o vestibular. No entanto, qualquer pessoa interessada e que quiser conhecer, aprofundar ou mesmo simplesmente fazer um curso de produção de textos poderá frequentar, uma vez que não será exigido nenhum pré-requisito ou conhecimento anterior.

Tendo em vista que o nosso público alvo são pessoas dos mais diversos níveis de conhecimento, o curso terá que ser, numa primeira etapa, em nível básico. O curso será oferecido nas modalidades presencial e a distância, tendo em vista que a maioria dos alunos

teriam conhecimento para a utilização dos recursos da internet, uma vez que a UPF disponibiliza aos funcionários e alunos a rede interna e externa.

Justificativa

A Universidade de Passo Fundo está em constante busca de novas formas de aperfeiçoar suas técnicas e alternativas educacionais. Dessa forma, está proporcionando a um grupo de professores e funcionários das diversas áreas do conhecimento uma capacitação para assumir um desafio na educação dentro da UPF: a Educação a Distância. Com essa nova forma de educar, pretende proporcionar uma alternativa educacional aos interessados em expandir ainda mais a abrangência da Universidade, iniciando com um treinamento para os próprios funcionários, e também para demais interessados, um curso na área de produção de textos.

Dentro de uma instituição de ensino, é importíssimo que todos os documentos e correspondências emitidas pela Universidade sejam bem elaborados, argumentados e, especialmente, escritos de forma correta. É comum vermos ofícios, memorandos, atestados e outras espécies de correspondências chegarem aos seus destinos com erros inaceitáveis, uma vez que estão saindo de uma “escola” de ensino superior. Assim, torna-se evidente a necessidade de proporcionar aos funcionários uma forma de aperfeiçoar a escrita. Dessa forma, a existência de um curso de produção de textos teria a função de auxiliar os servidores na função de escrever corretamente, uma vez que a maioria não tem o conhecimento necessário para escrever de forma sistematizada e correta e, ainda, que trabalhamos em uma instituição que emprega pessoas dos mais diversos níveis de escolaridade e áreas do conhecimento.

Ainda, com este curso, a Universidade estará proporcionando a outras pessoas que queiram ampliar os conhecimentos na escrita e secundaristas que estão se preparando para o vestibular, uma oportunidade alternativa para tal exercício.

Objetivos Didáticos

Geral: Fornecer ao estudante materiais-subsídios para que ele, de forma individual e independente, tenha a oportunidade de aprender a produzir textos de forma sistematizada, organizada e correta.

Específicos:

- identificar o que significa "produção de textos";
- reconhecer a melhor forma de produzir textos oficiais (ofícios, memorandos, requerimentos, etc.) e não oficiais;
- conceituar e descrever as características das principais técnicas;
- propiciar um maior conhecimento de um texto coeso e coerente;
- desafiar o aluno a aplicar as regras para elaboração de um bom texto;
- propor atividades que levem o aluno a experimentar a aplicação das técnicas e regras na produção textual.

Metodologia

Num primeiro momento será trabalhado, em linhas gerais, alguns itens importantes na produção de textos, como coerência e coesão. Em seguida, será solicitado ao aluno que escreva um texto com o tema *Violência Social*. Esta atividade tem como objetivo conhecer o aluno e identificar onde estão as dificuldades.

Os textos-base para essa primeira aula serão baseados nas obras de Maria da Graça Costa Val, Agnelo de Carvalho Pacheco, Maria Luiza Abaurre, Marcelo Nogueira Pontara e Tatiana Fadel.

O texto procurará desenvolver e estabelecer uma relação dialógica interativa com o aluno, fazendo com que ele (o estudante) possa “conversar” com o texto e consigo mesmo. Desta forma, a medida que o conteúdo é apresentado, aparecem os questionamentos interferências feitas ao estudante. Ainda, deverá ser observado a estética, tamanho da letra (que facilite a leitura e não canse) e os espaços entre o texto e a margem esquerda do texto, para possibilitar anotações e ainda uma redação simples e clara, além de consistente.

Além do texto base, um material complementar será oferecido ao aluno. Neste material complementar está incluído obras, autores e endereços de sites sobre o assunto onde é possível pesquisar, aprofundar e conhecer mais sobre o assunto.

O material complementar também é composto de “modelos” de textos produzidos e que podem ser considerados ideais a fim de o aluno possa identificar e diferenciar o correto do equivocado.

O curso possui um total de 40 horas/aula que serão bimodal (presencial e a distância), distribuídas ao longo de um semestre (4 meses).

A ação tutorial proposta será basicamente realizada nos 2 (dois) primeiros meses de aula, portanto em 15 horas/aula – totalmente a distância.

Nas 15 horas/aula a distância a tutora estará disponível 2 vezes por semana, nas terças-feiras e quintas-feiras, das 13h30min às 17 horas para atender os alunos via telefone ou chat. Fora destes horários, para entrar em contato com a tutora para questionamentos, dúvidas é necessário enviar e-mail, correspondência ou entrar em contato por outra forma (até mesmo presencialmente, se assim se fizer necessário).

Do restante das 40 horas/aula de curso, 25 horas/aula serão presenciais. Destas, 18 horas/aula serão destinadas a parte prática da produção textual ou redação e o restante, portanto, 07 horas/aula destinados a revisão e avaliação.

Das 05 horas/aula destinadas a revisão e avaliação, 02 horas/aula serão reservadas para uma avaliação escrita.

Lembramos ainda que as 07 horas/aula de revisão serão destinadas a consultas, dúvidas, questionamentos, reflexões e debates.

É necessário, portanto, a leitura prévia do material didático fornecido, bem como dos textos complementares. Além disto será entregue junto ao material didático endereços de páginas eletrônicas sobre o referido assunto bem como bibliografia de apoio e/ou complementar.

A presença é obrigatória na avaliação final escrita, e no restante será exigida frequência mínima de 75%.

Processo de Avaliação

Vários critérios irão compor este processo de avaliação, e não apenas um único instrumento, como a prova, por exemplo, num método tradicional de ensino. Não se quer, aqui, contestar a aplicabilidade de uma avaliação única, e sim, tentar modular esta avaliação, esta nota final, a partir de uma série de variáveis que integram todo o processo de busca do conhecimento.

A partir de estatísticas realizadas sobre o respectivo arquivo de LOG, referentes aos nodos (*links*) percorridos (caminhamento/navegação efetiva) do material didático, serão consideradas a variável tempo, enfatizando a permanência em cada página requisitada pelo usuário; a seqüência da navegação efetiva; a periodicidade nos acessos; os horários dos acessos; as páginas não acessadas, etc.

A avaliação de aprendizagem deveria possibilitar às pessoas maior consciência de como está se desenvolvendo internamente seu processo de construção do conhecimento, de quanto elas estão, efetivamente, assimilando os conteúdos. Porém, normalmente o que acontece, é que os alunos enxergam na avaliação apenas um instrumento que irá modular um grau de "aprendizagem". Um aprovado ou reprovado, independente do grau efetivo de aprendizagem realmente adquirida. O que se propõe é a utilização de exercícios (testes) eletrônicos ao longo do curso, da disponibilização do material, na intenção de minimizar os efeitos negativos atribuídos à avaliação/"prova", provenientes do ensino tradicional. Além disto, será um item a mais para contribuir a este processo de avaliação. A parte objetiva da correção dos exercícios é automática, feita por uma aplicação, através de CGI.

Uma avaliação final pode, além de aferir os conhecimentos e o rendimento do aluno, colher subsídios visando verificar a eficácia do método utilizado. Atestar se nesta nova metodologia de ensino são realmente eficazes as formas propostas para compor o processo de avaliação. Isto pode ser feito comparando seu resultado com as estatísticas obtidas do arquivo de LOG, que retrata a participação do aluno no referido curso.

Controlar e avaliar o aluno ainda é um dos principais entraves para que o ensino à distância não tenha se disseminado no Brasil. Acredita-se que ao se estabelecer uma proposta real de controle do uso do material por parte do aluno/instruendo, bem como parâmetros palpáveis e relevantes para o processo de avaliação de aprendizagem, estar-se-á contribuindo significativamente na busca de novos rumos desta modalidade de ensino no Brasil, revertendo parte da atual e negativa dinâmica social.

Forma de Avaliação

O processo de avaliação da aprendizagem do aluno levará em consideração os seguintes pontos:

- A participação nas atividades virtuais (total de 01 ponto);
- A realização das atividades propostas no final do material didático (total de 05 pontos);
- A participação no encontro presencial (total de 02 pontos);
- A avaliação final, escrita e sem consulta (total de 04 pontos).

4.2 – Material Didático

Curso Básico de Produção Textual

“Não é com um amontoado de ingredientes que se prepara uma receita, assim, também, não é superpondo frases que se constrói um texto”. Platão & Fiorin

Apresentação

Estamos iniciando um curso. Porém, antes de irmos “diretamente ao assunto”, é necessário fazer algumas considerações e esclarecimentos para que seu trabalho e leitura seja o mais eficaz e fácil possível. Se ainda assim surgirem dúvidas, questionamentos, idéias e sugestões, não hesite em procurar seu tutor para dialogar e/ou auxiliar você.

Primeiramente você encontrará a explanação do texto e alguns questionamentos e ponderações feitas para auxiliar na leitura. Após você poderá encontrar a bibliografia utilizada para a confecção deste texto, além de outros livros que poderão ser utilizados por você para aprofundar e auxiliar nesta caminhada.

Para finalizar serão apresentadas as atividades e exemplos que servirão para fixar e relembrar o texto lido e fazer um fechamento do tema desenvolvido.

Introdução

Este material foi elaborado para auxiliá-lo a fim de conhecer e compreender o que é um texto e aprender a escrever de uma forma sistematizada que ajude no momento de escrever um

bom texto, afinal, a escrita faz parte do nosso dia-a-dia há muito tempo. Também que você consiga entender e distinguir os principais tipos de textos e os mais utilizados, tanto no dia-a-dia, como para ser aprovado em vestibulares e concursos.

O que é TEXTO?

Para melhor compreender o fenômeno da produção de textos escritos, importa entender previamente o que caracteriza o texto, escrito ou oral, unidade lingüística comunicativa básica, já que o que as pessoas têm para dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos.

Pode-se definir texto ou discurso como ocorrência lingüística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal.

Antes de mais nada, um texto é uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa. Tem papel determinante em sua produção e recepção uma série de fatores pragmáticos que contribuem para a construção de seu sentido e possibilitam que seja reconhecido como um emprego normal da língua.

Também é propriedade básica do texto o fato de ele constituir uma unidade semântica. Uma ocorrência lingüística, para ser texto, precisa ser percebida pelo receptor como um todo significativo.

Finalmente, o texto se caracteriza por sua unidade formal, material. Seus constituintes lingüísticos devem se mostrar reconhecivelmente integrados, de modo a permitir que ele seja percebido como um todo coeso.

De acordo com o conceito adotado, um texto será bem compreendido quando avaliado sob três aspectos:

- a) o pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa;
- b) o semântico-conceitual, de que depende sua coerência;
- c) o formal, que diz respeito à sua coesão.

A estrutura do texto narrativo

Quando se fala em narrativa ficcional, imediatamente associa-se o termo ao relato de uma história em que atuam personagens em um espaço e tempo determinados.

A definição acima faz referência ao resultado da narrativa - uma história é contada - e também a seus elementos constitutivos (narrador, personagens, espaço e tempo). É claro que, se você encontrar um texto com tais características, estará diante de uma narrativa. Agora, porém, o seu papel não é prioritariamente o de leitor, e sim o de autor. Como autor, interessa a você saber como produzir um texto narrativo da melhor maneira possível. Para que isso possa ocorrer, é preciso compreender melhor o significado de algumas coisas ditas na definição. Por exemplo: o que é uma história? Como você sabe que está diante de uma história e não, digamos, de um texto jornalístico em que fatos são apresentados?

A diferença é, em alguns casos, bastante sutil; vamos entretanto nos guiar pelos aspectos mais gerais neste momento. Em primeiro lugar, lembre-se de que na narrativa, no relato jornalístico e até mesmo no relato histórico, encontramos a apresentação de fatos. Um fato, como você sabe, é um acontecimento. A diferença entre esses textos reside na maneira como os fatos são apresentados e, também, no propósito de sua apresentação. Deve-se considerar, ainda, que de todo o texto narrativo é construído a partir de complicações que se somam à ação narrada, permitindo ao autor desenvolvê-la de modo mais detalhado, enfocando de modo privilegiado ora o comportamento de uma personagem, ora a apresentação de um cenário, sempre com o objetivo de solucionar a complicação que parece impedir o desenvolvimento da ação central.

Em um relato histórico, por exemplo falar sobre um acontecimento não significa apenas informar que ele aconteceu, mas sim deixar claras as conseqüências por ele desencadeadas em um momento específico da vida de uma determinada sociedade. No caso do relato jornalístico, o fato aparecerá como uma informação para o leitor. Por isso é necessário que ele

venha acompanhado de dados sobre a circunstância em que aconteceu. Finalmente, no caso do texto narrativo, o acontecimento é um pretexto para que uma ação seja desencadeada. Ele aparecerá em um contexto mais amplo, contará com circunscrição de um espaço no qual ocorrerá, envolverá personagens, estará associado a um período de tempo específico e, com certeza, desencadeará outros fatos, que ocorrerão em consequência dele.

A narração nos apresenta, então, um quadro animado, com objetos em movimento, a vida que segue o seu curso e se transforma de um momento para outro. É por esse motivo que a narração não discorre sobre uma história, ela é uma história.

O seu principal objetivo deve ser o de fornecer ao leitor a idéia de imediaticidade, o sentido dos acontecimentos apresentados, de modo a envolvê-lo, a despertar o seu interesse e, talvez, até mesmo a sua simpatia. Deve ficar muito claro, desde o início, que esse objetivo só poderá ser alcançado se, no momento em que estivermos escrevendo uma narrativa, considerarmos que ela está sendo escrita para um leitor, alguém que pode ser um conhecido nosso (um professor, o colega, a mãe...), mas também pode ser um completo desconhecido.

Como fazer para garantir que o meu leitor compreenda exatamente o que se quis dizer? Essa deve ser a sua grande preocupação no momento em que for escrever um texto.

Todas as informações necessárias para a compreensão da narrativa devem ser apresentadas. Vamos tentar explicitar melhor o conceito de narrativa (e às suas implicações em relação ao leitor) através de um exemplo.

Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou e inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.(...)

Emoções indefiníveis me agitam - inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, a esta hora. Saudades? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

Procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não

consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.

Graciliano ramos, São Bernardo

O exemplo lido apresenta inequívocas características narrativas. Nele há um narrador que "fala", em primeira pessoa, sobre uma mulher com quem conviveu: Madalena. Podemos concluir, da leitura do texto, que a ausência de Madalena provoca o sofrimento desse "eu" que "fala". É evidente, também, sua dificuldade em compreender o comportamento de Madalena, bem como explicar de modo claro as razões que levam ao constante desentendimento entre ambos (complicação que marca esta narrativa).

A estrutura do texto dissertativo

Há uma afirmação sobre a estrutura dos textos dissertativos que constitui uma espécie de "lugar comum" das aulas de redação. Diz-se que ele deve ter uma introdução (apresentação), um desenvolvimento e uma conclusão. É evidente que uma afirmação como essa corresponde, de fato à estrutura de um texto dissertativo. O problema é que, com relação à sua elaboração efetiva, ela representa uma ajuda muito pequena.

Para que você possa começar a investir na estruturação dos seus próprios textos, vamos observar a estrutura de um texto tipicamente dissertativo, identificando as partes que o compõem.

Partes de um todo: a organização do texto dissertativo

Uma idéia para os educadores

1. *Faz poucos anos num debate sobre a o poder da televisão, numa biblioteca pública da periferia paulista, um homem da platéia pediu a palavra para dar o seu depoimento. Contou que sua filha, de 5 anos de idade, depois de ser repreendida pela mãe, reagiu gritando: "Não sou mais sua filha. Agora eu sou a filha da Xuxa". A mãe de verdade, "demitida" assim de repente, ficou sem reação.*

2. *Essa história não aparece aqui para fazer uma referência atrasada do Dia das Mães. O seu propósito é apenas lançar uma pergunta: o que se passa na cabeça de uma garotinha que quer trocar sua mãe pela Xuxa? Dificilmente alguém terá perguntado isso para a pessoa mais interessada: a própria menina.*

3. *Segundo inúmeras estatísticas, uma criança fica diante da tela da TV pela nelas 3 por dia. Isso é um fato, e é tolice tentar revogá-la com decretos ou proibições domésticas. O preocupante não é a presença da televisão mas a ausência do diálogo com esse público infantil sobre o que ele assiste. Na maioria dos estudos a respeito do tema, a criança é tratada como um ser passivo. Há desde trabalhos neurológicos até pesquisadores que expõem a garotada a filmes violentos e depois soltam a turma no pátio para brincar - aí, observando de longe, contam o número tabefes que os pequenos trocam entre si. Estudos existem. O que falta é ouvir e dar atenção sincera àquilo que a criança é capaz de falar sobre a televisão. Em casa, esse papel cabe aos pais. Na escola, o desafio é dos professores.*

4. *Os educadores, em lugar de simplesmente condenar a TV como um vício menor, talvez pudessem desenvolver programas criativos de discussões regulares com os alunos: o que eles gostam de ver?; por quê?; e como é isso de virar "filha" da Xuxa? Claro que cérebros*

infantis não dão respostas diretas a essas perguntas, mas o simples exercício do diálogo, fora do espaço delimitado pela TV, poderia favorecer o olhar crítico, que é a única defesa possível contra o poder dos meios de comunicação. Não há outro caminho dentro da democracia. Aliás, a formação de cidadãos requer a formação da consciência crítica.

5. *O cotidiano infantil de nossos dias já não é demarcado apenas por coisas corpóreas, como o estilingue, a bola de futebol, a mãe ou pai. Em grandes extensões, ele é dado por objetos imaginários, como os cavaleiros do zodíaco, os filmes policiais e até mesmo a Xuxa, que, na imaginação daquela telespectadora tão pequena, tinha assumido o lugar da mãe. Falar mais sobre essas coisas irreais e brincar de criticá-las não faria mal a nenhuma criança. Nem os pais.*

Eugênio Bucci. Veja

O autor do texto apresentado começa por introduzir de modo compreensível para os leitores a questão a ser por ele analisada. E repare que, no 1º parágrafo, Eugênio Bucci informa que refletirá sobre o poder da televisão. Acontece, porém, que este é um tema amplo, podendo ser desdobrado em diferentes questões. Para que o leitor entenda como vai discutir a questão do poder da televisão, o autor conta um pequeno caso, extraído de sua participação em um debate ocorrido numa biblioteca da periferia de São Paulo.

O episódio serve para delimitar o tema. Em lugar de tratar do poder da televisão de modo geral, percebemos que a discussão será particularizada na influência exercida por esse meio de comunicação sobre as crianças. Essa especificação ocorreu no 2º parágrafo do texto.

Se você preferir pensar em termos teóricos, esses dois parágrafos constituem a famosa introdução ou apresentação do assunto a ser desenvolvido no texto.

Terminada a introdução, o autor precisa criar condições para que o texto evolua. O que significa dizer isso? Significa que ele passará, agora, a introduzir informações, dados e argumentos que lhe permitam expor o seu ponto de vista sobre a questão abordada no texto. É exatamente isso que acontece no texto Eugênio Bucci, não é mesmo?

Observe que no 3º parágrafo se inicia com a apresentação de um dado estatístico: as crianças passam pelo menos três horas por dia diante de um aparelho de televisão. Introduzida a informação, é o momento de discutir como ela pode ser entendida. Repare que o autor do texto não pode apenas fazer uma afirmação como essa, porque os leitores desse tipo de texto esperam que ele também diga como ela deve ser interpretada.

Afinal, é um problema as crianças passarem 3 horas diárias diante da TV? O texto tem uma resposta para essa pergunta que está implícita. Ainda no mesmo parágrafo, Eugênio Bucci afirma: "Isso é um fato, e é tolice tentar revogá-lo com decretos ou proibições domésticas. O preocupante não é a presença da televisão mas a ausência de diálogo com esse público infantil sobre o que ele assiste". Ao fazer uma observação dessa natureza, o autor revela uma opinião acerca da questão analisada no texto. Ele não considera prejudicial, em si, o fato de crianças assistirem a pelo menos três horas de televisão diariamente. Não concorda, por outro lado, com o fato de ninguém conversar com elas sobre os programas a que assistiram.

O que se observa, teoricamente, é que o autor está procedendo ao desenvolvimento do tema abordado. Depois de apresentá-lo, partiu para a análise de aspectos específicos que a eles se referem, de modo a conduzir um raciocínio a ser acompanhado por seus leitores.

Se, no 3º parágrafo, Eugênio Bucci critica o fato de ninguém conversar com as crianças sobre os programas a que assistem na televisão, no 4º parágrafo ele leva adiante a afirmação que encerra o 3º parágrafo: cabe aos pais e aos educadores auxiliar a criança a analisar aquilo que vê.

Esclarece que não se trata de esperar uma postura crítica de quem ainda não tem maturidade suficiente para tê-la, mas de auxiliar as crianças, por meio de discussões regulares sobre os programas vistos. Estimulando essas discussões, argumenta, os educadores prestariam maior serviço aos seus alunos do que se continuassem a apenas condenar o "vício" de assistir a determinados programas diariamente.

O 4º parágrafo é concluído pela apresentação do grande argumento em favor da promoção de discussões sobre os programas de televisão: "Não há outro caminho a dentro da democracia [porque] a formação de cidadãos requer a formação da consciência crítica". Ora, se professores (ou mesmo os pais...) conseguirem despertar a consciência crítica em seus

alunos (ou filhos), realmente estarão contribuindo muito mais para sua formação do que se apenas criticarem o que eles vêem na televisão.

Repare que, assim como a introdução, o desenvolvimento da análise sobre a questão tematizada foi feito ao longo de dois parágrafos. Resta, agora, concluir o texto.

Eugênio Bucci expande novamente a questão tratada. O que ele pretende é que seus leitores compreendam que suas observações são mais abrangentes do que a simples discussão da qualidade dos programas televisivos. Para concluir sua análise, lembra os leitores o fato de que as crianças de hoje convivem muito mais com personagens imaginários do que com "coisas corpóreas" (estilingue, bola de futebol, mãe, pai, etc.). O autor raciocina de modo a demonstrar algo que é óbvio, mas de que parecemos nos esquecer: alguém precisa garantir que as crianças compreendam a diferença entre o que é real e o que é imaginário. Deixar que assistam aos programas de TV e que acreditem serem reais todos aqueles seres imaginários (cavaleiros do zodíaco) ou completamente distantes de sua vida (Xuxa e demais artistas) significa permitir que a televisão exerça sobre elas influência indevida. Afirma-se, assim, o poder da televisão. Por outro lado, se os programas a que assistem forem o pretexto para a realização de discussões em que a diferença entre o real e o imaginário seja tematizada, os pais e educadores estarão garantindo a formação de uma consciência crítica, arma futura que protegerá as crianças do poder da televisão.

Como você deve ter observado, essa conclusão é, na verdade, a seqüência lógica natural e coerente em relação a tudo o que foi dito antes.

Aí está, na análise prática, a justificativa para a afirmação de que um texto dissertativo deve, estruturalmente, apresentar uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão.

É importante, ainda, perceber que cada uma das partes de um bom texto dissertativo constitui a conseqüência natural daquela que a precedeu. Caso você leia uma dissertação em que não há esse vínculo lógico entre as partes, ela apresenta sérios problemas de estruturação.

A estrutura do texto persuasivo

Dos três tipos de texto de que estamos tratando, o persuasivo deve ser aquele do qual você provavelmente nunca ouviu falar na escola, embora seja presente de forma marcante em sua vida.

Em primeiro lugar, vamos conferir no dicionário a definição do verbo persuadir:

Persuadir.

1. *Levar a crer ou aceitar.*
2. *Decidir (a fazer algo), convencer; induzir.*

A definição poderia ser bem maior, mas achamos que já é o suficiente para que você tenha uma idéia do que pode estar por trás de um texto considerado persuasivo.

A **persuasão** pode ser definida como capacidade de uma pessoa, através de seu discurso (falado ou escrito), levar outra(s) a aceitar(em) ou a fazer(em) aquilo que ela julga mais adequado ou correto.

Diferenciando-se dos textos narrativos e expositivos, os persuasivos têm por objetivo provocar uma reação no leitor. Às vezes o que se pretende é fazer com que alguém, diante de argumentos bem apresentados, questione sua visão sobre determinada questão. Mas não é difícil imaginar dezenas de situações em que o discurso persuasivo visa a uma ação imediata. Um exemplo familiar seriam as inúmeras “conversas” que você tem como seu pai ou com sua mãe para convencê-los a deixarem-no fazer alguma coisa (chegar mais tarde em casa, passar o fim de semana acampado, pegar o carro emprestado, receber uma mesada maior...).

A natureza do texto persuasivo vai exigir do seu autor mais do que informações sobre a questão tematizada: será necessário dispor de argumentos capazes de demonstrar um determinado ponto de vista (aquele que se quer defender).

No caso de um texto publicitário, por exemplo, o que passa a ser importante são as características do produto a ser exposto, porque é delas que o autor do texto extrairá seus argumentos para convencer o leitor de que o produto que está divulgando é de alta qualidade e, portanto, merece ser experimentado.

Existe um outro tipo de propaganda, cada vez mais freqüente nas páginas das revistas e nos intervalos comerciais de televisão, que, em lugar de simplesmente "vender" um produto, procura apelar para a consciência do interlocutor com o objetivo de levá-lo a contribuir com uma causa justa, geralmente de natureza social.

Observamos um anúncio da Hope.

O primeiro aspecto que chama a atenção, na propaganda, é seu visual alegre, com imagens coloridas. As mãos de uma criança em cujos dedos podemos ver carinhas alegres vestindo camisetas bonitinhas que ajudam a manter presente o objetivo da campanha: auxiliar na luta contra o câncer infantil.

As imagens escolhidas cumprem bem a função de manter presente o fato de que se está falando de uma campanha cujo alvo são crianças. O lado deprimente da doença acaba um pouco "esquecido", ou ofuscado, pelas carinhas sorridentes desenhadas nos dedinhos da criança. As letras enfeitadas também contribuem para enfatizar o aspecto descontraído da imagem.

Acontece, porém, que só a imagem não é capaz de alcançar o objetivo: fazer com que os leitores da revista onde a propaganda foi publicada comprem as camisetas cuja venda é destinada à construção de casas de apoio para crianças em fase de tratamento. É aí que entra o texto escrito persuasivo, que antecede a imagem analisada:

A Hope é mais uma instituição na luta contra o câncer infantil. É mais que uma briga, é mais que uma batalha, é mais uma que faz de tudo. E ainda quer fazer mais. Hoje, a Hope diminui o sofrimento de várias crianças que vêm de outras cidades e não teriam onde, nem

como ficar durante um tratamento ou depois de uma operação. Um processo que agiliza a liberação dos leitos dos hospitais e aumenta o número de diagnósticos realizados em outros pequenos pacientes. E para que mais uma casa de apoio possa surgir, a Hope reuniu sete artistas plásticos brasileiros para estamparem, com total exclusividade, a solidariedade pelas crianças com câncer. São sete camisetas com obras de Antônio de Peticov, Gustavo Rosa, Guto Lacaz, Suca Mazamatti, Pink Wainer, Thomas Lanelli e Ivald Granato, à venda nas lojas Side Walk, em pontos credenciados e nos centros acadêmicos das principais faculdades. Seja mais um. Mais um que ajuda, mais um que luta para que a Hope continue sendo mais uma, que dizer, mais do que uma.

Se você quiser ter mais informações de como contribuir com a Hope, ligue (011) 574-6942, E-mail:

Você deve ter notado que o texto começa por caracterizar a Hope como mais uma instituição que participa dos esforços no combate ao câncer infantil. A enumeração dos esforços (é mais uma briga, que batalha, que faz de tudo) ajuda a sugerir algo que é do conhecimento do leitor, mas precisa estar presente em sua consciência enquanto lê: a luta contra o câncer infantil é muito difícil. Feita essa introdução, é chegado o momento de apresentar argumentos capazes de convencer quem lê da seriedade do projeto dessa instituição. Para tanto, são dados alguns esclarecimentos acerca da atuação da Hope na construção de casas que recebem as crianças em fase de tratamento. Observe que essa informação constitui um bom argumento porque, ao mesmo tempo em que crianças são abrigadas durante os momentos mais difíceis de seu tratamento, elas podem desocupar leitos hospitalares para que outras crianças sejam atendidas.

Não é preciso, no texto, mencionar a falta crônica de leitos nos hospitais ou mesmo falar sobre a precariedade dos serviços de saúde pública no Brasil. Qualquer leitor com um mínimo de informação e consciência da realidade em que vive conhece o problema. Assim, apenas mencionando que as casas construídas pela instituição Hope ajudam a agilizar a liberação de leitos, o autor do texto deixa pressuposto o conhecimento do leitor sobre a situação da saúde pública brasileira. Agora que a validade da causa já foi estabelecida e os argumentos para levar o leitor a desejar com ela contribuir foram apresentados, resta apenas

como ficar durante um tratamento ou depois de uma operação. Um processo que agiliza a liberação dos leitos dos hospitais e aumenta o número de diagnósticos realizados em outros pequenos pacientes. E para que mais uma casa de apoio possa surgir, a Hope reuniu sete artistas plásticos brasileiros para estamparem, com total exclusividade, a solidariedade pelas crianças com câncer. São sete camisetas com obras de Antônio de Peticov, Gustavo Rosa, Guto Lacaz, Suca Mazamatti, Pink Wainer, Thomas Lanelli e Ivald Granato, à venda nas lojas Side Walk, em pontos credenciados e nos centros acadêmicos das principais faculdades. Seja mais um. Mais um que ajuda, mais um que luta para que a Hope continue sendo mais uma, que dizer, mais do que uma.

Se você quiser ter mais informações de como contribuir com a Hope, ligue (011) 574-6942, E-mail:hope@sanet.com.br

Você deve ter notado que o texto começa por caracterizar a Hope como mais uma instituição que participa dos esforços no combate ao câncer infantil. A enumeração dos esforços (é mais uma briga, que batalha, que faz de tudo) ajuda a sugerir algo que é do conhecimento do leitor, mas precisa estar presente em sua consciência enquanto lê: a luta contra o câncer infantil é muito difícil. Feita essa introdução, é chegado o momento de apresentar argumentos capazes de convencer quem lê da seriedade do projeto dessa instituição. Para tanto, são dados alguns esclarecimentos acerca da atuação da Hope na construção de casas que recebem as crianças em fase de tratamento. Observe que essa informação constitui um bom argumento porque, ao mesmo tempo em que crianças são abrigadas durante os momentos mais difíceis de seu tratamento, elas podem desocupar leitos hospitalares para que outras crianças sejam atendidas.

Não é preciso, no texto, mencionar a falta crônica de leitos nos hospitais ou mesmo falar sobre a precariedade dos serviços de saúde pública no Brasil. Qualquer leitor com um mínimo de informação e consciência da realidade em que vive conhece o problema. Assim, apenas mencionando que as casas construídas pela instituição Hope ajudam a agilizar a liberação de leitos, o autor do texto deixa pressuposto o conhecimento do leitor sobre a situação da saúde pública brasileira. Agora que a validade da causa já foi estabelecida e os argumentos para levar o leitor a desejar com ela contribuir foram apresentados, resta apenas

explicar como tal contribuição pode ser feita: comprando camisetas especialmente desenhadas para esta campanha por renomados artistas brasileiros.

Aí está um bom exemplo de texto persuasivo. Você deve ter reparado que, estruturalmente, esse texto traz marcas de uma interlocução direta com quem o ler e isso é muito importante, porque, diferentemente do que acontece em textos expositivos, cujo objetivo é a apresentação racional de uma análise, o texto persuasivo precisa contar com a "adesão" do leitor à idéia que está sendo apresentada.

O que é Coerência e Coesão?

A) Coerência textual: a articulação de sentido

Texto e Coerência

Temos certeza de que você já ouviu várias vezes a palavra que se refere ao aspecto da articulação textual do qual nos ocuparemos nesse capítulo: e coerência. Isso porque você sem dúvida já ouviu, ou já disse para algum interlocutor, coisas do tipo: você está sendo incoerente. Formação", ou "o que você diz não faz o menor sentido!" ou outros enunciados semelhantes. De maneira geral, as pessoas não experimentam nenhuma sensação de perplexidade quando ouvem tais observações, procurando imediatamente corrigir ou explicitar algum raciocínio mal elaborado ou expresso verbalmente de maneira inadequada, ou mesmo convencer o interlocutor de que é ele quem não está percebendo a lógica do que foi dito.

Por outro lado, quando as observações sobre incoerência dizem respeito a textos escritos, é mais comum o autor do texto ficar perdido (sobretudo se é um aluno freqüentando aulas de redação...), sem saber exatamente o que o leitor do seu texto (geralmente professor...) quer dizer com "esta passagem do seu texto está confusa e incoerente", ou "falta coerência à sua argumentação". Como nosso objetivo é levar você a usar competentemente a linguagem escrita ao elaborar seus textos, vamos ilustrar o que pode provocar efeitos diversos de

incoerência nos textos escritos. Para isso, é necessário que comecemos por buscar entender melhor o que se entende por coerência textual.

Não sabemos se você já se deteve a pensar sobre o significado preciso da palavra coerência, e sobre o sentido que essa palavra adquire quando empregada com relação aos textos escritos, particularmente. Vamos começar, pois, a nossa discussão, tornando precisos os contextos em que normalmente essa palavra é utilizada.

Vejamos, então, a definição encontrada no Aurélio para coerência:

Resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual, e é responsável pelo sentido do texto, envolvendo aspectos lógicos, semânticos e cognitivos. Dessa forma, o sentido de um texto é construído pelo produtor e pelo receptor que deve ter os conhecimentos necessários à sua interpretação. Qualidade, estado ou atitude *de coerente*. Ligação ou harmonia entre situações, acontecimentos ou idéias; relação harmônica; conexão, nexos, lógica.

Observe que a definição apresentada não vincula explicitamente a coerência a textos, sejam eles orais ou escritos. Na verdade, o conceito que está relacionado à existência de conexão, de nexos entre situações, acontecimentos ou idéias. Ora, como você sabe, buscamos continuamente a existência de sentido, seja em nossas atividades de reflexão, seja ao interpretar os que continuamente se passa ao nosso redor (quando, por exemplo, mesmo em silêncio testemunhamos um acontecimento qualquer, ouvimos uma música, olhamos para um quadro ou escultura...), seja ao interpretarmos o conteúdo daquilo que nos é apresentado via discursos orais ou escritos e que pode ter como referência situações como as mencionadas anteriormente.

O que particularizada nossa relação com as idéias e acontecimentos aos quais somos apresentados por intermédio de textos é que, nesse caso, os conteúdos referenciais são mediados pela linguagem e, necessariamente, pela maneira como são estruturados os textos. Podemos, portanto, pensar de maneira coerente ou incoerente, e escrever de maneira coerente ou incoerente. Existe, naturalmente, uma correlação entre pensamento e linguagem, como você já sabe se acompanhou com atenção a discussão que fizemos no capítulo anterior. Mas atenção: pode muito bem ocorrer uma situação em que alguém expressa de forma incoerente um raciocínio coerente, pela simples razão de não conseguir articular os elementos lingüísticos

adequadamente, nos níveis sintático ou semântico, em decorrência da falta de familiaridade com os recursos lexicais e sintáticos da língua, sobretudo em sua modalidade escrita.

Nossa primeira conclusão importante, portanto, sobre a questão da coerência, é que nem todo o texto incoerente revela um pensamento incoerente; todo pensamento incoerente, no entanto, terá necessariamente uma expressão lingüística incoerente.

A coerência tem a ver, basicamente, com as condições para o estabelecimento de um sentido em um contexto determinado, quer se esteja considerando o sentido de acontecimentos, de idéias mentalmente postas em relação, de partes de um todo ou conjunto harmônico, que se esteja considerando o sentido de textos, orais ou escritos, através dos quais se procura veicular verbalmente um sentido qualquer. Pode-se, portanto, vincular a noção de coerência às condições para que algum evento (textual ou não) seja interpretado em um contexto específico (isto é, possa ter um sentido a eles atribuído, nesse contexto).

De tudo o que dissemos até agora, é possível então concluir que:

Coerência textual é uma relação harmônica que se estabelece entre as partes de um texto, em um contexto específico, e que é responsável pela percepção de uma unidade de sentido.

B) Coesão e argumentação:

É responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais. Como exemplos, de mecanismos gramaticais, pode-se citar os pronomes anafóricos, os artigos, a elipse, a concordância, a correlação entre os tempos verbais e as conjunções. Por mecanismos lexicais entende-se pela reiteração, substituição e pela associação.

À primeira vista, tanto os conectivos ou conjunções quanto os outros elos entre as palavras de uma frase, as frases de um período, os períodos de um texto são apenas elementos de *coesão*, de combinação de valor especificamente formal. Em outras palavras, não costumamos perceber a importância de optarmos por uma vírgula, um ponto-e-vírgula, ou o

conectivo e num determinado trecho de nossa redação, já que associamos esta opção mais à beleza do estilo que à clareza de expressão.

O equívoco de que se origina o mencionado procedimento está ligado à separação entre beleza e clareza, entre forma e conteúdo, entre recursos lingüísticos de coesão e a coerência do texto, sendo que tais elementos na verdade possuem uma ligação muito íntima, indissociável

Alguns itens necessários à produção de um texto

O que se espera em termos de redação são habilidades de exposição de idéias e de argumentação em torno de determinado problema. O tema será, pois, de tal natureza que conduza o candidato a demonstrar tais habilidades.

Revela desempenho satisfatório do candidato em expressão escrita um texto com as seguintes características:

- ◆ organização adequada em torno de uma idéia central;
- ◆ estruturação das idéias de tal maneira que se identifique uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão;
- ◆ divisão adequada das idéias em parágrafos, e, em cada parágrafo, divisão adequada das idéias em períodos;
- ◆ ordenação lógica e coerente das idéias, com uso apropriado das partículas de transição e palavra de referência;
- ◆ expressão das idéias com clareza e concisão, sem pormenores excessivos, redundâncias, palavras e expressões desnecessárias;
- ◆ uso de vocabulário exato, preciso e adequado;
- ◆ uso conveniente dos processos de coordenação e da subordinação de idéias;
- ◆ adequação da modalidade de língua usada ao tratamento escolhido para o tema;

- ◆ uso adequado e correto dos sinais de pontuação;
- ◆ uso correto das estruturas da língua escrita (morfologia e sintaxe);
- ◆ correção ortográfica.

Conotação e Denotação

Pode-se dizer que as palavras e enunciados de uma língua natural operam em dois eixos de significação: o eixo denotativo ou referencial e o eixo conotativo.

Diz-se que uma palavra ou enunciado tem valor denotativo quando o sujeito os utiliza em seu sentido literal, ou seja, aquele que corresponde à primeira significação atribuída às palavras nos dicionários da língua. Esse sentido comum ou usual das palavras e enunciados costuma caracterizar os chamados textos informativos, tanto na modalidade oral como na modalidade escrita da linguagem.

Observe, por exemplo, que é denotativo o valor das palavras no texto abaixo, pois o autor do texto tem por objetivo transmitir uma informação objetiva sobre o desenvolvimento dos vários tipos de escrita:

A invenção da escrita propriamente dita foi uma resposta às necessidades novas criadas na mesopotâmia pela vida urbana dos sumerianos, baseada num amplo desenvolvimento da agricultura, na segunda metade do IV milênio. A princípio a escrita era sintética: cada sinal correspondia ao conjunto de uma frase que exprimia um estado ou uma ação. Numa fase posterior, a escrita tornou-se analítica: podemos qualifica-la de hidrográfica, uma vez que cada sinal correspondia a uma palavra. Afinal, por um novo processo de especialização, cada sinal correspondia a um único som: seria a escrita fonética, que se poderia tornar silábica ou alfabética segundo o grau de acuidade da análise.

Disse que uma palavra ou enunciado tem valor conotativo ou afetivo Henry quando seu sentido não é tomado literalmente, mas é ampliado e modificado - por vezes dramaticamente Pelo sujeito que usa a linguagem, com o objetivo de obter um efeito particular, em um contexto específico de interlocução.

Observe que, na introdução do conto "Amor", de Clarice Lispector, é basicamente conotativo o valor que se pode atribuir a seqüência de ocorrências de predicados verbais introduzidos por "crescia". Essa seqüência é anunciada pela palavra sementes, também usada conotativamente:

(...) o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua própria conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto inoportuno dos empregados do edifício.

Clarice Lispector. Amor

O parágrafo do conto Amor, aqui citado é o segundo, no texto. A introdução da seqüência de predicados verbais introduzidos por "crescia" traduz muito adequadamente, desde seu início, a idéia pretendida pela autora, de que a personagem principal, Ana, sente-se cada vez mais sufocada pela estrutura familiar que a envolve, por ela mesma criada. Pode-se dizer, portanto, que o valor conotativo da repetição de "crescia", verbo cujos complementos vêm também carregados de duplos sentidos, traduz-se na idéia de sufocação.

Pelas suas características peculiares, não só a linguagem literária em prosa, mas também a poesia, a linguagem da propaganda e a linguagem do humor costumam ter um sentido predominantemente conotativo, uma vez que os textos que as representam são plenos de efeitos de sentido, de alusões e duplos sentidos.

Mandamentos de uma boa redação

Ao redigir, é importantíssimo que o candidato não cometa nenhum destes pecados transcritos a seguir, sob pena de padecer, sem indulgências, o inferno de mais um ano de espera!

1. Esnobar. Mostrar que é "o bom". Complicar. Escrever difícil.

* não se preocupe em demonstrar cultura e conhecimento excessivos. As coisas realmente boas e valiosas são simples. Os grandes sábios são simples. As "Grandes notas" vem de redações simples.

* não queira fazer experimentalismos linguísticos . Não tente neologismos léxicos ou sintáticos.

Use apenas palavras comuns. Sem cair no lugar-comum.

Só recorra a um termo menos conhecido se ele se ajustar melhor no texto do que um termo usual.

2. O palavrão: nunca!

3. Criticar a universidade, as autoridades, as instituições, é proibido. Esse negócio de "Meter a lenha" não dá pontos.

Faça a crítica "Construtiva": mostre os erros e aponte soluções.

4. Ser negativista.

* em tudo há um lado bom.. Procure descobrir-lo. Aponte alternativas, saídas. Sugira métodos e maneiras de solucionar as dificuldades e as chagas sociais. A maioria dos temas de vestibulares e concursos versam sobre "Problemas sociais." Eles querem saber o nosso posicionamento, o que pensamos, o que achamos, se conhecemos. A nossa participação

efetiva, exatamente, através de nossas prováveis soluções. É a forma de que dispomos para participar do contexto social.

5. Evite definições. Elas são perigosos.

* dado um tema como "A liberdade", a maioria tende a sair definindo:

A liberdade é...

A liberdade é...

A liberdade é..., monotonamente, maçantemente, insuportavelmente, de uma pobreza de espírito que revoltaria até São Francisco. É sempre melhor criar uma história, relatar o episódio, dentro da qual e no decorrer do qual apareça o tema. O

6. O ponto final (.). Não o esqueça. Denota desleixo. Depois contra você e... é erro!

7. O pingo no i. É preciso pôr os pingos nos is!...

8. Cortar o t.

9. A cedilha no ç.

10. A inicial maiúsculas nos títulos.

11. A inicial maiúscula de período.

12. As iniciais de nomes próprios, maiúsculas.

13. Erro gráfico até no título, é terrível!

14. Estrangeirismo

* o emprego de vocábulo que não pertençam nosso idioma só pode ser feito quando não haja, em português, palavra de sentido correspondente. Termo técnico, por exemplo. Ser usada, a palavra de vida entre aspas (" ") ou grifada.

Exemplo: "Know-how".

15. Eco.

É a rima na prosa. Só os artistas têm direito de recorrer a ela, que pode fornecer belos efeitos.

Exemplos de eco (defeito):

Margarida levou toda a vida para atravessar a avenida.

O Maneco entrou no boteco e bebeu uns trecos.

16. A gíria.

*Via de regra não! A menos que se trate de diálogo, e entre como transcrição da linguagem de nível coloquial- popular. Fora daí, o uso da gíria será interpretado como pobreza vocabular. É negativo.

17. Não abrevie palavras. Escreva-as todas por extenso, a menos que se trate de abreviações consagradas como por exemplo o "etc".

18. Evite repetir palavras. Use sinônimos. Há repetições que enfatizam. Mas fora o caso intencional da ênfase, repetir revela pobreza vocabular ou desleixo.

Exemplo de repetição enfática;

“Vamos, não chores...

A infância está perdida.

A mocidade está perdida.

Mas a vida não se perdeu.”

(Drummond. “A Rosa do Povo”)

19. Não escreva demais!

No caso de não delimitarem o número de linhas, não vá além de vinte e cinco. Entendo que o ideal para uma redação são vinte linhas.

Também não escreva “de menos”. Dado um limite mínimo (20, por exemplo), não pare nesta linha. Vá adiante uma ou duas linhas, pelo menos.

20. Não “encha lingüiça”! A falta de idéias, não fique repetindo a mesma coisa com palavras diferentes! Isso é redundância, é prolixidade, é terrível defeito! É preferível poucas linhas bem redigidas a muitas mal escritas. Faça um trabalho honesto!

21. Não aumente o tamanho da letra para dar impressão de que escreveu bastante. Isso indis põe o avaliador. Letra estilo “bicho-de-pé”, só se vê a linha (de tão pequena), não pode. O avaliador não vai colocar lente de aumento especialmente para corrigir sua redação.

22. Não se desculpe dizendo que não escreveu mais porque o tempo foi pouco. Ninguém vai acreditar!...

Essa conversa de que é a primeira redação, então... nem se fala.

23. Não cometa CACOFONIA, que é a palavra de sentido obsceno, chulo ou ridículo, formada pela junção de sílabas entre as palavras

Aquí ela disputa todos os dias...

A boca dela...

Fé demais...

24. Pensamento novo, período novo.

É comum, entre os que iniciam, misturar no mesmo período idéias que não se completam. Tome por norma: idéia nova, período novo.

Veja, entretanto, que isso nem sempre significa parágrafo novo!

25. Oração subordinada sem principal – não diz nada! Não pode!

Se há subordinada, tem que haver principal. Ou você já viu comandado sem comandante? Veja se entende alguma coisa:

- Quando Maria chegou porque tinha visto um homem que ela não conhecia.

- A menina que estava chorando quando a chamaram.

- Quando chove, se estamos sem agasalho.

- O embrulho que chutou na calçada.

Deu para entender? Por que não deu?

E agora:

- Quando Maria chegou, porque tinha visto um homem que ela não conhecia, desandou a chorar.

- A menina, que estava chorando quando a chamaram foi eleita rainha.

- Quando chove, se estamos sem agasalho, resfriamo-nos.

- O embrulho que chutou na calçada furou-lhe o pé.

Especialmente, tome cuidado com os períodos muito longos; resultam confusos e são propícios a períodos incompletos; os verbos nas formas nominais – gerúndio, particípio, infinitivo – equivalem a subordinadas; portanto, deve haver uma principal.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade avançou. Não se pode negar o progresso chegou e atingiu todas as áreas do conhecimento. A tecnologia, no entanto, é a mais veloz e cria oportunidades fantásticas e revolucionárias, com os mais diversos equipamentos, capazes de simplificar quase todas as atividades humanas, tornando-as possíveis e seguras.

Deve-se lembrar que a internet faz com que “conversemos” com uma pessoa em outro país. As “cartas” chegam ao destinatário em um minuto, e as teleconferências nos permitem interagir com pessoas que estão, até mesmo, do outro lado do planeta, possibilitando a troca de informações em todos os níveis, sejam com imagens, gráficos ou textos, sendo que a comunicação é mais clara e completa.

A EAD revigorou-se, nesta última década em função, principalmente, do surgimento das novas tecnologias de comunicação mediada por computadores em rede, ou seja, com a popularização da internet. A mudança não é pequena, pois surgem novos métodos educacionais, novas concepções de material didático, novas relações com o conhecimento. Historicamente, o isolamento geográfico dos estudantes foi o principal estímulo ao desenvolvimento do EAD, inicialmente realizada por correspondência, depois associada a outros meios como o telefone, a televisão, o videocassete, programas de computadores e, mais recentemente, através das redes de computadores, em especial, a internet. Além disso, a internet tem sido a distinção entre a “Educação a Distância” e “Educação Presencial”.

O principal objetivo do uso desses recursos tecnológicos sempre foi oferecer oportunidades as pessoas que se encontravam distantes dos centros escolares a condição de se capacitarem, vencendo as barreiras do tempo, do espaço e da falta de recursos financeiros. Ainda, percebe-se que os últimos avanços tecnológicos tornaram esta modalidade de educação mais confiável e mais acessível. A possibilidade de uma maior interação entre mestre e aprendiz, criou condições para a realização de um ensino e aprendizado em níveis próximos aos obtidos através das experiências presenciais. Além disso, vários esforços no sentido do uso desta nova tecnologia com este fim podem ser observados, pois um grande número de instituições nacionais e internacionais, em tradição ou não no provimento do EAD, se

lançaram neste caminho, experimentando programas de educação a distância. Dessa forma, o Brasil com suas dimensões continentais e suas imensas diferenças sociais, não pode se furtar a utilização desta alternativa educacional.

No entanto, apesar de todos os avanços tecnológicos, deve-se considerar que o computador, não faz nada sozinho. É necessário que exista a “mão humana” a fim de executar os comandos. É importante lembrar que para mandar uma e-mail, por mais simples que seja, exige objetividade e conhecimento. Para elaborar um ofício, um memorando, um relatório ou, até mesmo, um bilhete para o namorado, para um amigo, se bem escrito, este texto, seja ele qual for, causará uma melhor impressão a quem lê.

Embora seja muito difícil escrever de maneira simples e despretenciosa, devemos nos esforçar para ser naturais. Nada mais desagradável que um estilo rebuscado, difícil e obscuro de redigir, especialmente para o leitor.

Ainda, vale lembrar que a leitura é fundamental. O escritor que não lê, não conhece sua língua e é como um pintor sem braços. Além disso, há que se considerar que a gramática é indispensável à língua, por mais que alguns professores defendam o contrário pois, não há possibilidade de escrever um bom texto, ou seja, coeso e coerente, sem que o escritor tenha uma boa ortografia e conhecimentos básicos de sintaxe, concordância e regência. Também, vale lembrar que, sem organizar as idéias centrais, é difícil organizar bem um texto. A clareza depende dos cuidados em dar uma ordem aos conhecimentos e seqüência a composição escrita. Cada coisa em seu lugar.

Considerando que quem escreve o faz para transmitir alguma coisa e para que seu texto seja lido, aquele que lê deve compreender o autor e, para isso, há a necessidade de precisão e concisão de quem escreve, ou seja, não escrever mais nem menos do que o necessário. Vale salientar que o autor não escreve para si próprio, mas para os outros. Escreve para que suas idéias sejam divulgadas, discutidas, criticadas e enriquecidas.

Contudo, grande parte das pessoas, por vários motivos não tem acesso aos bancos escolares tradicionais a fim de aprender os programas e conteúdos necessários para tal atividade: escrever. Dessa forma, como já visto anteriormente, uma vez que a Educação a Distância chega como uma alternativa de educacional, a possibilidade de atender essa clientela na EAD é muito grande, há uma enorme necessidade de disponibilizar cursos na área de

produção textual, a fim de oportunizar aos que têm interesse em conhecer mais a língua portuguesa e a arte de escrever, possam ter acesso e desenvolver-se tanto profissional quanto intelectualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NA UFPR: **Novos cenários e novos caminhos**. Curso de Especialização para Formação de Professores em EAD – Organizadores: Onilza Borges Martins, Imiracy Nascimento de Souza Polak, Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA NA UFPR: **Novos cenários e novos caminhos. Curso de Especialização para Formação de Professores em EAD – Textos Complementares**. Organizadores: Onilza Borges Martins, Imiracy Nascimento de Souza Polak, Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- MOURA FILHO, C.O.; OLIVEIRA, M. **Videoconferência em educação a distância**. Mini-curso (em 25 de maio de 1999) no XVII Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores. Salvador: Gráfica da Escola Técnica Federal do Ceará, 199. 108p.
- SILVIA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000. 230p.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Laboratório de mídias interativas. Ambiente de aprendizagem**. Colaborativa Eureka.
- CARNEIRO, Agostinho Dias – Texto em Construção. 2ª ed., Editora Moderna, São Paulo, 1996.
- INFANTE, Ulisses – Curso de Gramática Aplicada aos Textos. 6ª ed., Editora Scipione, São Paulo, 2001.
- VAL, Maria da Graça Costa. Redação e Textualidade. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PACHECO, Agnelo de Carvalho. A Dissertação. São Paulo: Atual, 1988.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- OLIVEIRA, Ramon de. *Informática Educativa*. Campinas: Papyrus, 1997.
- RÖSING, Tânia M. K. (org.). Do Livro ao CD-ROM, novas navegações. *Multimídia e hipermídia em educação: a didática dos multimeios*. Passo Fundo: EDIUPF, 1999. p.25-37.
- AMARAL, Emília. Redação e Gramática. São Paulo: Nova Cultural, 2001.